



## A MATERNIDADE NA OBRA *HERLAND – TERRA DAS MULHERES*, DE CHARLOTTE PERKINS GILMAN

Júlia Cristina Valero Souza<sup>1</sup>

**Resumo:** A maternidade foi, desde a Antiguidade, uma característica definidora do sexo feminino em sociedade. Por conta de discursos médicos, religiosos e filosóficos, processos como a gestação, a menstruação e o parto foram percebidos como impuros, o que acabou por inferiorizar o corpo feminino na hierarquia social. As instituições, apoiando-se na biologia e nos costumes e tradições, estabeleceram então que o lugar da mulher enquanto mãe seria no ambiente doméstico. Suas funções estariam relacionadas com a gestão da casa, a criação e educação dos filhos, e cuidado com a família. Ao escrever uma utopia feminista, Charlotte Perkins Gilman procura desconstruir e desafiar noções impostas pela opinião de massa e adotadas pelo sistema patriarcal. Diante disso, o presente trabalho busca analisar de que maneira a maternidade na Terra das Mulheres – utopia exclusivamente feminina criada por Gilman na obra *Herland – Terra das Mulheres* – se diferencia da maternidade na sociedade ocidental de onde vem o narrador, e onde vigora o sistema patriarcal. Além disso, o presente trabalho tenta explicitar de que modo tal existência utópica influencia na cultura e convivência daquelas mulheres.

**Palavras-chave:** Charlotte Perkins Gilman. Maternidade. Literatura. Papéis de gênero. Feminismo.

### **MOTHERHOOD IN CHARLOTTE PERKINS GILMAN'S HERLAND**

**Abstract:** *Motherhood was, since antiquity, a defining characteristic of the female sex in society. Due to medical, religious and philosophical discourses, processes such as pregnancy, menstruation and childbirth were perceived as impure, which resulted in the female body being inferiorized in the social hierarchy. The institutions, based on biology and on customs and traditions, then established that the woman's place as a mother would be in the domestic environment. Their occupations would be related to the management of the house, raising and educating the children, and care for the family. In writing a feminist utopia, Charlotte Perkins Gilman seeks to deconstruct and challenge notions imposed by mass opinion and adopted by the patriarchal system. In light of this, the present work seeks to analyze how motherhood in Herland – the exclusively feminine utopia created by Gilman in her book with the same name – differs from motherhood in the Western society, where the narrator comes from, and where the patriarchal system prevails. In addition, the present work tries to elucidate how such a utopian existence influences the culture and coexistence of those women.*

**Keywords:** *Charlotte Perkins Gilman. Motherhood. Literature. Gender roles. Feminism.*

## Introdução

---

<sup>1</sup> Mestranda – PPGEL/FAALC/UFMS. ORCID: 0009-0006-0587-8818.

Historicamente, as sociedades onde vigora o sistema patriarcal assumiram a maternidade como identidade natural do sexo feminino. Tal ideia foi discutida por muitos teóricos e estudiosos como Julia Kristeva (1985), que alegou que o sentido consagrado (seja este secular ou religioso) de feminilidade é, em nossa sociedade, associado com a maternidade. Tornar-se mãe foi, por muitos séculos, um ato visto como parte da natureza feminina devido ao parto, a gravidez e a menstruação. Losandro Tedeschi (2008, p. 26), em *História das Mulheres e as Representações do Feminino*, argumenta que “Tanto homens como mulheres foram convencidos de que aos primeiros cabia prover a existência natural da família, e a elas, ‘devido à sua natureza’, gerar filhos, cuidá-los ao longo da vida e encarregar-se ao mesmo tempo das diferentes tarefas domésticas.”.

A caracterização da maternidade como uma ocupação que encerra as mulheres no ambiente doméstico, não permitindo ou ao menos dificultando, em séculos anteriores, a entrada e participação das mulheres na esfera pública, foi utilizada como uma maneira do sistema patriarcal de controlar o corpo feminino, bem como os comportamentos e ações das mulheres. A utilização da natureza feminina como justificativa para sua inferioridade social também promoveu a ideia de que a educação das mulheres deveria ser inteiramente voltada para a resolução dos problemas da casa e da criação dos filhos e, com a educação deficitária, dificuldade de participação política e de exercício de ocupações na esfera pública, a maternidade foi vista então não apenas como um fato da natureza feminina, mas como uma maneira de garantir o matrimônio, por meio do qual as mulheres obteriam meios de sobrevivência. Tais noções, porém, apontadas por filósofos dos séculos XVIII e XIX como John Stuart Mill, Marquês de Condorcet e Mary Wollstonecraft, englobavam principalmente mulheres europeias da classe média.<sup>2</sup>

A partir de tais concepções, Charlotte Perkins Gilman aparece como questionadora dos modelos sociais vigentes. Gilman foi uma escritora americana do século XX que, por meio de suas obras, trouxe para o público discussões acerca de temas ligados à condição feminina em sociedade e outros problemas de gênero. Embora sua obra mais conhecida seja o conto *O papel de parede amarelo*, ela também foi responsável pela criação da revista *Forerunner*, onde, entre 1909 até 1916, publicou de forma seriada diversas obras ficcionais e não ficcionais. Dentre tais obras de ficção

---

<sup>2</sup> Condorcet, por exemplo, em sua reflexão *Sobre a admissão das mulheres ao direito à cidadania*, de 1789, denuncia que mulheres da realeza de diversas nações europeias podiam ser regentes, mas que as demais mulheres não tinham a possibilidade de exercer suas profissões se não fossem casadas ou se algum homem não lhes emprestasse ou vendesse o nome. Já a *Reivindicação dos direitos da mulher*, de Wollstonecraft, é explicitamente dedicada às mulheres de classe média, pois estas, segundo a autora, se encontram em seu estado mais natural e longe do falso refinamento e vaidade das classes mais altas.

presentes na revista, está *Herland*, sua ficção utópica publicada em 1915 – e posteriormente transformada em livro em 1979 –, em que a autora questiona a posição das mulheres em sociedade, seu papel no matrimônio, a religião e a tradição, a educação para crianças e a maternidade compulsória. Em relação à esta obra, tanto o livro quanto o país, no idioma original, se chamam *Herland*. Na versão traduzida utilizada no trabalho, o título da obra é *Herland – Terra das Mulheres*, sendo que Terra das Mulheres é o nome que Van, o narrador, utiliza para se referir àquela sociedade. Para fins de elucidação, utilizamos *Herland* em referência à obra, e Terra das Mulheres em relação ao país fictício.

Assim, Gilman, em sua obra de utopia feminista *Herland*, propõe uma sociedade formada apenas por mulheres cuja característica fundamental, assim como ocorria nas sociedades ocidentais, é a maternidade. Essa maternidade, porém, por consequência da ausência do sexo masculino – e do sistema patriarcal que subjuga as mulheres –, é feita de maneira diversa de como ocorre no ocidente. Por meio da discussão sobre a educação, ocupações na esfera pública, feminilidade, casamento e comportamentos femininos tidos como naturais, Gilman demonstra como a maternidade aconteceria e como esta seria exercida em uma sociedade em que as mães não fossem vistas como inferiores ou submissas, eternamente presas no ambiente doméstico.

### **Maternidade como característica fundamental**

Ao analisar *Herland* como uma utopia feminista, podemos pensar na constituição do país de mulheres como um paraíso onde o sexo feminino não está subjugado ao sistema patriarcal. Ellen Susan Peel, ao definir os preceitos de uma utopia, estabelece que esta apresenta a tentativa de imaginar uma sociedade ou comunidade idealizada que, em seu âmago, representa uma crítica à sociedade existente. Assim, “Podemos simplesmente definir a utopia correspondente a uma crença política particular como uma sociedade ideal que colocaria em prática os objetivos daqueles que sustentam essa crença. Assim, [...] uma sociedade utópica feminista rejeitaria o patriarcado.” (PEEL, 2002, p. 3, tradução nossa)<sup>3</sup>.

A maternidade, na Terra das Mulheres, acontece de forma curiosa, sendo o resultado direto de como aquela comunidade veio a ser uma organização social exclusivamente feminina. Dois mil anos antes da expedição, descrita no início da

---

<sup>3</sup> We can most simply define the utopia corresponding to a particular political belief as an ideal society that would put into practice the goals of those holding that belief. Thus, [...] a feminist utopian society would reject patriarchy.

narração, que levou Van, o narrador, e seus amigos àquele país, as mulheres dali viviam em sociedade com homens, em uma expansão geográfica com acesso ao mar e cercada por cadeias de montanhas. Com o passar do tempo, segundo o narrador, uma sucessão de infortúnios ocorreu, e dentre guerras e invasões, a população masculina acabou por ser lentamente dizimada. As montanhas se apresentaram como uma espécie de defesa natural e, quando os homens, participantes da mesma sociedade e sobreviventes das guerras e invasões, organizaram uma revolta, as mulheres se defenderam, tornando-se então de fato as únicas sobreviventes. O resultado foi a criação de uma sociedade apenas de mulheres que, cercadas por montanhas e sem contato com o mundo exterior, se desesperaram. Porém, Van explica:

Por cinco ou dez anos elas trabalharam juntas, tornando-se mais fortes e sábias, e cada vez mais apegadas umas às outras. Foi então que o milagre aconteceu: uma dessas mulheres ficou grávida. É claro que todas acharam que deveria haver um homem em algum lugar, mas nenhum foi encontrado. Assim, elas decidiram que deveria ser um presente dos deuses, e colocaram a orgulhosa mãe no Templo de Maaia, sua deusa da maternidade, sob extrema vigilância. Conforme os anos passaram, aquela mulher teve filha após filha, cinco no total, todas meninas. [...] E essa é a origem da Terra das Mulheres! Uma família, descendendo da mesma mãe! (GILMAN, 2018, p. 67-68).

Como resultado da capacidade de geração espontânea de filhas – percebida por elas como uma dádiva –, a maternidade se torna um dos conceitos basilares na definição daqueles indivíduos, e sua influência se estende até o teatro, a literatura, a educação, as ocupações e a agricultura. O que o nascimento das meninas por meio da partenogênese demonstra é o descolamento total da Terra das Mulheres com o resto das sociedades do exterior, bem como seu afastamento dos homens em geral. A reprodução assexuada assegura que a sociedade das mulheres não foi corrompida pelo sexo masculino, e conceitos patriarcais ligados à maternidade e virgindade são inexistentes neste contexto. O nascimento virgem, como é chamado por Jeff, um dos amigos do narrador, é uma habilidade presente em todas as mulheres do país e representa como este pôde se desenvolver com a total ausência do sexo masculino.

Apesar da capacidade de geração de filhas ser algo comum para todas as mulheres da Terra das Mulheres, a maternidade, como a característica fundamental e principal definidora dos indivíduos daquela sociedade, é vista de maneira diversa de como acontece nas sociedades ocidentais, como a de onde vêm Van e seus amigos. Ser mãe, na Terra das Mulheres, não é algo utilizado para justificar, por meio de processos

naturais, a suposta inferioridade inerente do sexo feminino, o encerramento das mulheres na esfera privada e sua incapacidade de participação política. Assim, a maternidade também não é institucionalizada e compulsória, servindo para controlar o corpo feminino e garantir a lealdade das esposas. Indo de encontro com as noções ocidentais sobre a maternidade, esta, no país, é uma escolha e uma ocupação administrada na esfera pública de forma comum, em que todas as mulheres são mães de todas as meninas conjuntamente.

### **Maternidade como ocupação**

Contraopondo-se aos discursos tradicionais e religiosos, Adrienne Rich (1986) alega que até o desenvolvimento das fábricas como centros de produção, o lar não era visto como um refúgio, um lugar destinado ao descanso e fuga do mundo externo. Era na casa que o trabalho continuava, e as mulheres e as crianças participavam ativamente das atividades como preparação e processamento de comida, processamento de couro e pele, tintas, ervas, produção de têxteis e diversos artigos de roupa, etc. O trabalho era usualmente comunal. A maternidade e a manutenção da casa como um refúgio privado não eram as ocupações centrais das mulheres, e elas e crianças não eram encerradas em uma relação isolada dentro do ambiente doméstico.

No século XIX, as mulheres começaram a trabalhar nas fábricas por salários menores e horas mais longas. As crianças eram mantidas em casa, sendo cuidadas por irmãos mais velhos – às vezes de apenas sete ou oito anos de idade –, por avós ou por crianças vizinhas contratadas para isso. As mulheres trabalhavam por necessidade, para suplementar o salário do marido, que era inadequado ou inexistente. Por serem pagas salários menores, seu trabalho era visto como uma ameaça para os trabalhadores do sexo masculino, bem como para o sistema patriarcal, que inferiorizava a mulher e a mantinha na esfera privada:

O trabalho das mulheres era claramente subversivo para o 'lar' e para o casamento patriarcal; não apenas um homem pode se encontrar economicamente dependente dos ganhos de sua esposa, mas também seria possível que as mulheres dispensassem o casamento do ponto de vista econômico. Essas duas forças – a preocupação humanitária com o bem-estar da criança e o medo pelos valores patriarcais – convergiram para exercer pressão que levou à legislação que controla o trabalho

infantil e feminino e à afirmação de que ‘o lar, seus cuidados e ocupações, é a verdadeira esfera da mulher.’ (RICH, 1986, p. 49, tradução nossa).<sup>4</sup>

Como uma atividade comunal feita em uma sociedade exclusivamente feminina, a maternidade na Terra das Mulheres passa a não ser mais exercida somente na esfera privada. Se, em discursos filosóficos e religiosos do passado utilizou-se da biologia feminina como justificativa para colocar as mulheres em posição inferior e necessariamente ligada ao ambiente doméstico, o mesmo não acontece naquele país.

Assim, embora a capacidade de gerar filhos ainda seja extremamente celebrada e represente o “destino” do sexo feminino na Terra das Mulheres, ela não é vista como uma forma de manutenção do controle sobre o corpo feminino e nem mesmo como justificativa para a exclusão social. As mães são participantes ativas na sociedade e não são as únicas responsáveis pelo cuidado das crianças, já que a educação das gerações mais novas é vista como dever de todas ali presentes. A maternidade como um empreendimento coletivo não necessariamente preso à mulher que dá à luz está presente também na discussão de Sara Ruddick (1995), quando esta alega que a maternidade e a identidade de “mãe” não se referem somente àquela que passa pela gravidez e pelo parto, mas também significam assumir a responsabilidade com o cuidado das crianças, tornando tal cuidado uma parte substancial da vida daquele indivíduo. Assim, a maternidade é algo possível para todos. A distribuição da responsabilidade da mãe biológica com outras da mesma comunidade espanta Van e seus amigos:

Estamos acostumados a ver o que chamamos de ‘mãe’ completamente embrulhada em seu próprio pacotinho cor-de-rosa de uma infância fascinante, com apenas um vago interesse teórico no pacote dos outros, isso sem falar nas necessidades comuns a *todos* os pacotes. Mas aquelas mulheres trabalhavam juntas na mais importante das tarefas: faziam gente, e o faziam bem. (GILMAN, 2018, p. 80).

A ideia de Terry de maternidade era a mais comum, que envolvia um bebê nos braços ou um garotinho nos joelhos e a completa absorção da mãe por tal bebê ou garotinho. A maternidade que dominava toda uma sociedade, influenciava a arte e a indústria, protegia toda a infância e lhe garantia o mais perfeito carinho e instrução não parecia maternal a Terry. (GILMAN, 2018, p. 84).

---

<sup>4</sup> Women’s work was clearly subversive to ‘the home’ and to patriarchal marriage; not only might a man find himself economically dependent on his wife’s earnings, but it would conceivably even be possible for women to dispense with marriage from an economic point of view. These two forces – the humanitarian concern for child welfare and the fear for patriarchal values – converged to provide pressure which led to legislation controlling children’s and women’s labor, and the assertion that ‘the home, its care and employments, is the woman’s true sphere.’

E é por conta disso que a maternidade naquele país encontra tanta resistência por parte dos visitantes masculinos. A forma comunitária de maternidade e a inclusão das mães na sociedade é vista como antinatural porque, na maioria das sociedades ocidentais, tradicionalmente por conta da opinião das massas, da religião e dos costumes, as mulheres que se tornam mães devem ser mantidas no espaço doméstico, nunca participando realmente da esfera pública e não gozando dos mesmos direitos que seus semelhantes, como o próprio pai, irmãos e marido. Para aqueles homens, ser mãe significa ficar dentro de casa, cuidar do ambiente doméstico, garantir o cuidado e educação dos filhos, alimentá-los e limpá-los.

Por seu turno, a maternidade para as mulheres do país é percebida como uma de suas maiores contribuições e um de seus principais objetivos na vida, juntamente com a educação de qualidade para as crianças e o desenvolvimento da comunidade. Como consequência disso, não só é a maternidade vista como uma ocupação comum a todas elas – o que acaba por dissolver a divisão entre esfera pública e privada, uma vez que todas podem participar igualmente das decisões públicas –, mas esta ocupação é considerada como altamente especializada, só podendo ser executada por aquelas percebidas como mais capazes:

[...] Desde o começo, com a nossa mãe particularmente nobre, herdamos características de toda uma raça que a precedeu. E elas ressurgem de tempos em tempos, de forma alarmante. Mas faz... sim, faz quase seiscentos anos que não temos o que vocês chamam de 'criminoso'. É claro que uma de nossas prioridades é não reproduzir, quando possível, os tipos mais abjetos.

– Como isso é possível? – perguntei. – Com a partenogênese?

– Se a garota que demonstrava características negativas ainda conseguisse apreciar o dever social, apelávamos para que renunciasse à maternidade. Alguns dos piores tipos, por sorte, eram incapazes de se reproduzir. Mas, se a falha consistisse em um egoísmo desproporcional, a garota acreditava que tinha direito de procriar e que sua prole seria melhor que a das demais.

– Entendo – eu disse. – Então ela estaria propensa a criar as filhas com o mesmo espírito.

– Isso nunca permitimos – Somel respondeu baixinho.

– Como assim? – perguntei. – Vocês impediam a mãe de criar as próprias filhas?

– Claro – Somel disse. – Só pode fazê-lo quem é digno dessa tarefa suprema. (GILMAN, 2018, p. 93-94).

Dessa maneira, aquelas mulheres que não são consideradas mentalmente fortes o suficiente, ou que são vistas como tendo grandes falhas de caráter, não podem exercer a maternidade e, então, devem optar por não se tornarem mães. Se já o são, o bebê lhes é tirado e criado de forma comum pelas demais mulheres da sociedade. Ao comparar a maternidade com profissões altamente especializadas, Somel alega que a mulher não perde a filha, mas a tarefa suprema de educar a criança não pode ser sua responsabilidade:

Ela não é privada de modo algum. O bebê continua sendo dela, ela não o perde. Mas não é a única a cuidar dele. Há outras envolvidas, que a mãe sabe terem mais sabedoria. Isso porque estudou com elas, praticou com elas, de modo que honra sua inegável superioridade. Pelo bem da criança, ela fica feliz que receba os melhores cuidados. (GILMAN, 2018, p. 95).

Isso é algo que choca os personagens masculinos – em especial Van –, pois eles veem o ato de tirar a filha de sua mãe como uma aberração e quase um ato criminoso, indo contra a ideia de mãe que transforma toda sua vida em favor do cuidado com as crianças.

## **Maternidade como escolha**

A característica que apresenta a maior diferença entre a Terra das Mulheres e as sociedades ocidentais é que a maternidade, naquele país, não é algo compulsório. Se o único modo, em séculos anteriores, de sobrevivência das mulheres era através do casamento, e a geração de herdeiros se mostrava como meio de “garantir” tal sobrevivência, a maternidade, então, seria encarada como destinação feminina, mesmo que não desejada. Já na Terra das Mulheres, ela não é compulsória, uma vez que não existem pressões sociais que forcem a reprodução no sexo feminino. Tornar-se mãe, para elas, é uma dádiva, mas também é uma escolha, e elas por vezes voluntariamente sacrificam sua habilidade de gerar filhas em prol do controle populacional.

– Chegamos a viver na miséria até conseguirmos resolver a questão – ela disse. – Mas acertamos tudo. Antes que uma criança chegue a uma de nós, há um período de pura exaltação: todo ser é elevado e preenchido com o desejo concentrado por essa criança. Aprendemos a nos preparar para esse período com muito cuidado. As mais jovens, a quem a maternidade ainda não havia ocorrido, com frequência adiavam



voluntariamente. Quando aquele desejo interior de ter uma criança começava a se fazer sentir, elas deliberadamente se concentravam no trabalho mais ativo, físico e mental; e, o mais importante, consolavam-se cuidando das bebês que já tínhamos. [...] Logo entendemos que o amor materno tem mais de uma forma de se expressar. Acho que o motivo pelo qual nossas crianças são tão amadas, por todas nós, é que nunca nenhuma de nós tem tantas filhas quanto gostaria. (GILMAN, 2018, p. 81-82).

A possível tristeza que poderia surgir ao escolher não receber a dádiva da maternidade, para elas, era rapidamente contornada ao lembrar da responsabilidade comum na criação e educação das crianças. Como demonstra Van, “Quando uma mulher escolhia ser mãe, permitia que a criança desejada crescesse dentro dela como um milagre da natureza. Quando não o escolhia, tirava aquilo da cabeça e preenchia seu coração com outras bebês.” (GILMAN, 2018, p. 82). As meninas, não importa de quem fossem filhas biológicas, eram percebidas por aquelas mulheres como filhas de todas elas, e essa maneira de pensar sempre no plural é algo que inquieta Van. Comparando a sociedade altamente comunal da Terra das Mulheres com colônias de insetos, o narrador alega que a maternidade como tarefa comum e eletiva estava além de sua compreensão. Mesmo assim, ele admite que a escolha de se excluir da maternidade (pelo menos biológica) é algo que surge e é executada pelo benefício do social:

De modo efetivo e permanente, elas limitaram a população em números, para que o país pudesse garantir a todas fartura, para que sua vida fosse mais completa e rica – fartura de tudo: espaço, ar e até solidão.

Então se puseram a trabalhar para melhorar a qualidade da população, já que havia restrições quanto à quantidade. Isso vinha sendo feito, ininterruptamente, durante cerca de mil e quinhentos anos. (GILMAN, 2018, p. 82-83).

Assim, as mulheres faziam a escolha de não gerarem filhas para que pudessem focar não somente na educação das crianças já existentes, mas também no melhor desenvolvimento do país.

## **Considerações finais**

Ao mostrar um país que a todo momento desafia os preceitos da sociedade patriarcal, Gilman explorou diversas problemáticas acerca dos estereótipos femininos e dos papéis sociais de gênero. Dentre as várias questões e provocações levantadas pela autora no decorrer da narrativa, um aspecto que merece atenção é a discussão acerca

da maternidade. A maternidade na Terra das Mulheres é um dos conceitos fundamentais que organiza a vida social e define aqueles indivíduos, bem como sua cultura. Tudo o que existe no país é ligado à maternidade e à proteção da prole – incluindo a literatura, a educação, o teatro, a agricultura e as ocupações na esfera pública.

Porém, de maneira diversa de como ocorre nas sociedades ocidentais, na Terra das Mulheres a maternidade não é compulsória e também não é responsável por enclausurar as mulheres no ambiente doméstico. Todas as mulheres são capazes de gerar filhas, mas esta criança não é vista como uma "posse" de determinada mãe ou família. Além disso, tornar-se mãe é uma ocupação vista como altamente especializada, que só pode ser exercida pelas melhores. Indo na direção contrária do que, historicamente, se tem como papel social da mulher na maternidade, ser mãe na Terra das Mulheres é uma tarefa coletiva, em que todas ali se ocupam com a criação e educação das meninas. As mulheres, mesmo depois de serem mães, ainda participam ativamente de sua comunidade, tomando decisões e contribuindo para o crescimento e desenvolvimento de sua sociedade, sem se verem completamente absorvidas pelo cuidado, criação, alimentação, limpeza e educação dos filhos.

## Referências

GILMAN, Charlotte Perkins. **Herland** – A Terra das Mulheres. São Paulo: Via Leitura, 2018.

KRISTEVA, Julia; GOLDHAMMER, Arthur. Stabat Mater. Durham, **Poetics Today**, vol. 6, no. 1/2, p. 133-152, 1985. Disponível em: <http://www.jstor.org/stable/1772126>. Acesso em: 20 fev. 2023.

PEEL, Ellen Susan. **Politics, persuasion, and pragmatism: a rhetoric of feminist utopian fiction**. Columbus: The Ohio State University Press, 2002.

RICH, Adrienne. **Of Woman Born**. Motherhood as Experience and Institution. Nova Iorque: W. W. Norton & Company, Inc, 1986.

RUDDICK, Sara. **Maternal thinking: towards a politics of peace**. Boston: Beacon Press, 1995.

TEDESCHI, Losandro Antonio. **História das Mulheres e as Representações do Feminino**. Campinas: Editora Curt Nimuendajú, 2008.